

A propósito do 40º aniversário da Escola de Paula Frassinetti

- as virtualidades
educativas dos actos de
comemoração

Adalberto Dias de Carvalho

Numa altura em que a Escola de Paula Frassinetti cumpre 40 anos de existência e comemora uma tal efeméride, é oportuno, parece-nos, tomar tal acontecimento e tal propósito como pretextos para uma reflexão sobre oportunidades de que vale a pena a educação tirar partido.

Não podemos escamotear a realidade de uma comemoração quando sabemos bem que, por um lado, não celebramos todos os acontecimentos passados e, por outro, que muitos ficam esquecidos ou, pura e simplesmente, quando os recordamos, não os queremos distinguir, pretendendo nós, frequentemente até, ajudar a enterrá-los nas brumas do esquecimento. Acontece algumas vezes ainda que recordamos não tanto para celebrar mas, muito pelo contrário, para condenar, tentando fazer da evocação uma ocasião de repúdio para que o mal lembrado não se repita por inadvertência. Auschwitz é, sem dúvida, um destes casos. Considere-se, por último, o papel dos rituais que, por exemplo no cristianismo (como, aliás, também noutras religiões), presentificam episódios passados - aqui, nomeadamente, a vida e paixão de Cristo - para, simultaneamente, condenar - e perdoar - actos, pela sua natureza, negativos e enaltecer a exemplaridade de outros procedimentos: no caso assinalado, os de Jesus perante as

adversidades e incompreensões que teve de enfrentar.

O *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, entre vários significados, diz-nos que comemorar é "solenizar para recordar". De uma maneira geral, em todos os dicionários, ao termo associam-se as ideias de celebração e de lembrança.

Comemorar é rememorar em conjunto. É recordar, em situação de partilha, o que, afinal, mais ou menos nunca se chegou a esquecer e se quer, sobretudo, que nunca se venha a esquecer.

Paul Ricoeur, na sua obra *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, partindo de uma fenomenologia da memória, debruça-se sobre o tema da comemoração, para, na sequência dos trabalhos de um outro autor - Pierre Nora - inserir a ideia e o valor contemporâneo da comemoração enquanto conceito e representação, na superação do *modelo histórico* pelo *modelo memorial*. Superação que acompanha o declínio da história ao serviço da nação, embora com o risco de eliminar o papel mediador da interpelação crítica de que a história é, apesar de tudo, portadora. Fá-lo alertando, ainda através das palavras de Nora, para os exageros com que a "bulimia comemorativa" ou a "obsessão comemorativa" dos nossos dias manipula, por vezes, as consciências, abusando até -

nomeadamente em nome da reparação de injustiças que o tempo vai fazendo esquecer - do dever de memória relativamente ao direito de esquecer, ao trabalho do luto e até mesmo ao próprio trabalho da memória. Para Ricoeur, "à solidariedade do passado e do porvir, substituiu-se a solidariedade do presente e da memória" com que se constituem as nossas identidades. Mais ainda, da rememoração (que, por sua vez, sucede à história) passa-se à comemoração, sendo que a primeira implica um reconhecimento declarado do passado a que a segunda junta a solenidade e a festividade. Parafraseando Deleuze, também citado por Ricoeur, o presente torna-se desta maneira verdadeiramente "contemporâneo" do passado que ele foi".

10

Todas estas reflexões, recorde-se, vêm a pretexto das comemorações que a Escola de Paula Frassinetti promove, com as quais, enquanto instituição activa e bem viva, ela quer tão somente renovar o olhar seu e dos outros sobre si mesma. Tratando-se de uma instituição educativa, com certeza que vai transformar estes momentos festivos em mais uma oportunidade para revitalizar o seu projecto de formação.

A este propósito, vale a pena recordar - e, já agora, comemorar! - Alain que foi, talvez, o pedagogo que mais se distinguiu no enaltecimento do papel educativo da comemoração. Fê-lo justamente enquanto, do seu ponto de vista, esta permite à criança e ao jovem colherem junto do património das comunidades em que vivem, a exemplaridade de realizações que, sendo passadas em termos da sua facticidade, permanecem, ou deveriam permanecer, presentes pela sua memória. Memória projectada, designadamente, em obras de arte que, segundo ele, espelham a sublime humanidade

do próprio homem. Seria assim que o convívio com as obras-primas estimularia o impulso ascendente das crianças, evitando a sua estagnação ou até regressão.

A comemoração era, pois, para ele, exigente e criativa ao possibilitar momentos de esforço e de elevação cultural no sentido da apropriação elaborada das mensagens contidas em esculturas, composições musicais, textos literários, etc., enfim, nas expressões supremas do esforço humano que condensam a projecção plena e genial das capacidades da razão. A comemoração constitui mesmo, na sua perspectiva, uma estratégia pedagógica que obriga os mais novos a confrontarem-se tanto com as suas limitações como com as suas potencialidades de forma a que, na consciência daquelas, desenvolvam estas, sendo sempre alimentados pela magnitude do exemplo evocado. As comemorações celebram, enfim, a humanidade do Homem.

Escreveu, a propósito, Alain nos seus *Propos sur l'Éducation* que "a cooperação no presente não basta para definir uma sociedade. É a ligação do passado com o presente que faz uma sociedade. Mas (...) não é porque o homem herda do homem que ele faz sociedade com o homem; é antes porque ele comemora o homem".

Percebemos a partir daqui que a posição defendida por Alain não é de forma alguma redutível a uma visão passadista, a um enaltecimento saudosista do valor do passado sobre o do presente de que resultaria finalmente a apologia de uma atitude passiva por parte da escola e do ensino. Por outras palavras, não se trata de propor uma educação entendida simplesmente como transmissora dos valores do passado e da sua herança cultural mas, muito pelo contrário, de exigir uma postura

activa em
ocasião
esforçad
mensagem
obras e
História,
protagoni
nos foi pr

Contudo,
por referê
de uma
perspecti
exigente,
alguma
aprendiz
Esforço
formaçã
referência

É assim
por ser re
aprender
durante
Porque a
frequênc
compreen
pode - e é
o que é h
Esta atit
dições
progressiv
obras que
e, com l
cultural, c
Para Alain
que "há a
inventar q
sentido de
comum e
pelos mo
eles cor
pedagógi
superaçã

Significa
educati
comemor
assim se
para a
diversifica
a apropr
precisame
heranças
acontecer
processo

Assim que
s-primas
pendente
o a sua
gressão.

para ele,
possibilitar
elevação
propriação
s contidas
posições
etc., enfim,
mas do
densam a
nial das
ção. A
mesmo, na
estratégia
os mais
tanto com
o com as
a forma a
aquelas,
o sempre
agnitude
do. As
i, enfim, a

Alain nos
on que "a
não basta
idade. É a
o presente
Mas (...)
herda do
dade com
orque ele

qui que a
lain não é
vel a uma
a um
a do valor
esente de
a apologia
por parte
Por outras
de propor
tendida
nsmisora
e da sua
nuito pelo
a postura

activa em que a comemoração é
ocasião de apropriação crítica e
esforçada, portanto activa, das
mensagens contidas nas grandes
obras e acontecimentos que a
História, ou melhor, que o
protagonismo humano da História
nos foi proporcionando.

Contudo, Alain tem da criação - e,
por referência a ela, da educação
de uma forma geral - uma
perspectiva extraordinariamente
exigente. A educação é sempre, de
alguma maneira, uma
aprendizagem de e pelo esforço.
Esforço que exige perseverança,
formação, acompanhamento,
referências e tempo.

É assim que comemorar começa
por ser repetir e imitar: "a arte de
aprender reduz-se a imitar e a copiar
durante muito tempo". Porquê?
Porque a criança, não tendo com
frequência capacidade para
compreender o que é exemplar,
pode - e deve -, todavia, reproduzir
o que é humanamente exemplar.
Esta atitude vai criar as condi-
ções que lhe permitirão,
progressivamente, reflectir sobre as
obras que se vão tornando modelos
e, com base neste sedimento
cultural, começar, ela própria, a criar.
Para Alain, não restam dúvidas de
que "há apenas um método para
inventar que é imitar". Mas imitar no
sentido de uma libertação do senso
comum e até dos limites impostos
pelos modelos na medida em que
eles constituem, em termos
pedagógicos, pretextos para a sua
superação.

Significa isto que os processos
educativos ancorados na
comemoração e nos modelos que
assim se exaltam, acabam por ser,
para além de criativos,
diversificadores já que promovem
a apropriação individualizada -
precisamente porque criativa - das
heranças do passado. Como
aconteceu, aliás, com os próprios
processos criativos das obras

autenticamente geniais, os quais se
converteram, eles mesmos, em
modelos ao exprimirem e
potenciarem o que de mais
profundo constitui a natureza
humana, inclusive antes dos
produtos a que deram lugar. Daí
que Alain nunca hesite em destacar
a exemplaridade do esforço e até
do sofrimento de vultos como
Beethoven que não só não se
deixaram esmorecer pela exigência
dos desafios que enfrentaram nos
seus processos criativos como
nessa exigência encontraram até
motivação para prosseguirem e se
inspirarem.

A comemoração não é, pois, um
acto meramente individual ou
socialmente fútil. Representa, muito
pelo contrário, uma aproximação e
uma comunhão com o pensamento
dos grandes criadores desde cedo
pois nada "é demasiadamente belo
para esta idade", ao mesmo tempo
que "o que é belo para todos e
universalmente humano é
precisamente o que parece ter sido
escrito para cada um", segundo nos
diz Alain nas suas *Lições* sobre
a arte. Assim, o aluno é
pedagogicamente activo na medida
em que, mergulhando na
experiência do sentido e da acção
que os signos da cultura lhe
proporcionam, se esforça por os
compreender para captar o
humano.

A partir daqui, como sintetiza Louis
Not, "a educação é comemoração
do passado pois o passado ilumina
o presente, e sem a comemoração
do passado, o homem de hoje
permanece incompreensível". A
admiração, a veneração, a
humildade e a submissão tornam-
se, então, sentimentos vitais mas
sobre os quais tem de assentar um
subsequente esforço de superação
porque à cultura não se acede por
transmissão e por simples recepção
mas sim por ascensão da barbárie
ao humano. Ora, a comemoração
evidencia, pelo seu projecto

antropológico sistematicamente desenvolvido, que a socialização de cada um não se esgota na cooperação intersubjectiva actual, impondo antes uma relação complementar exigente com o passado, a qual não se limita a ser, por isso, o simples acolhimento de uma herança. Deste modo, a educação como comemoração, em vez de convidar à reprodução e à homogeneização que é própria da mediania, estimula a criatividade e a diversificação, justamente pela exemplaridade dos modelos com que as crianças passam a conviver. A apropriação que cada uma fará tenderá a ser original pois a imitação da genialidade a tanto inspira.

É nossa opinião que as propostas de Alain inserem-se bem nas perspectivas de Ricoeur, designadamente quando o filósofo francês, na sua fenomenologia da memória, retoma a distinção que os gregos faziam entre *mneme* e *anamnesis*, ou seja, entre a recordação que afecta o espírito passivo e a recordação que é objecto de um esforço por parte do sujeito. Nesta passagem do "quê" ao "quem" traça-se igualmente o caminho da recordação para a memória reflectida em que as questões do uso e do abuso da memória - entre elas a do estatuto da comemoração - se colocam.

Alain situa-se claramente do lado da *anamnesis* ao vincar o esforço como condição da validade pedagógica da actividade de rememoração, ao mesmo tempo que acentua a vitalidade humana da apropriação pessoal das obras clássicas. Simplesmente, o pendor educativo das suas achegas separa-o da demagogia - dos abusos - dos discursos políticos da "bulimia comemorativa" denunciados por Ricoeur, dando-nos as bases de uma autêntica fenomenologia da educação como comemoração que bem poderia constituir mais um dos subcapítulos da fenomenologia da

memória. Uma fenomenologia diacrónica do sujeito da memória...

No caso das comemorações da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, acontece ainda que se enaltece uma memória consubstanciada na continuidade institucional de uma obra cujo passado, inspirando o presente, faz parte deste. Assim, ao comemorar-se o passado, celebra-se o presente.

Comemorar é com certeza aqui verdadeira e redobradamente educar...

Parabéns!

Referências bibliográficas:

- Alain, *Propos sur l'éducation*, Paris, PUF, 1933.
Not, L., *Pédagogies de la connaissance*, Toulouse, Privat, 1979.
Ricoeur, P., *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Seuil, 2000.

O des
valore
conte
educa
portu
europ

No prese
por abor
valores n
marcadas
em espe
valores
omnipres
assim coi
o mundo
em cursd
onde se
civilizaci
cristão e
tardio" d
religioso
valores
então, a
implicaçõ
para o no
um relati
ao pap
instituiçõe
moderna

O capítul
digressão
e da Fan
contem
argume
importân
comunit
interna
analisam
papel de
para uma
serviços
aprendel
indissoci
de escol
que mel
legítima

No terce
numa rea